

A LÍNGUA DE EULÁLIA

Karina Assis Nascimento¹

Licenciada em pedagogia – IPTAN

Email: karinaassisnascimento@hotmail.com

Data de recepção: 20/03/2014

Data de aprovação: 13/08/2014

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália - novela sociolinguística*. São Paulo Contexto, 2004.

Marcos Bagno, nesta novela sociolinguística, procura mostrar que o uso de uma linguagem “diferente” nem sempre pode ser considerado um “erro de português”. Ele argumenta que o que pode parecer erro, no português não padrão, tem uma explicação lógica.

A obra conta a história de três estudantes universitárias: Vera, 21 anos, estudante de Letras; Silvia, mesma idade, estudante de Psicologia; e Emília, 19 anos, estudante de Pedagogia, que escolhem a chácara da tia de Vera, Irene, localizada em Atibaia-SP, para passarem as férias escolares. Irene é uma linguista renomada e professora universitária aposentada. Nessa história, há uma mulher chamada Eulália, empregada doméstica da tia Irene, que fala muito diferente das jovens meninas, pois Eulália era analfabeta até conhecer Vera que a ensinou a ler e escrever. Porém, mesmo tendo sido alfabetizada no português padrão, Eulália continua empregando o não padrão, já que essa é sua língua materna.

Logo que chegaram, as universitárias criticaram o português falado por Eulália. Ao perceber o preconceito linguístico das três estudantes ao ouvirem a fala de Eulália, Irene propõe uma reflexão sobre a língua portuguesa. Elas gostam tanto da ideia que sugerem ter aulas sobre o assunto durante as férias. Irene combinou com as meninas que as suas aulas fossem realizadas na “escolinha”, apelido dado ao pequeno cômodo de sua casa. Nela Irene mostra que as variações se dão devido às circunstâncias do próprio uso da língua que varia conforme as diferenças de gênero, de classe social, de etnia, entre outros.

O preconceito linguístico não tem fundamentação. Toda língua, além de variar no espaço, também varia no tempo. Por meio de suas lições, Irene mostra às meninas situações muito comuns no português, assim como em outras línguas. Tais situações são esclarecidas por ela, que sempre oferece exemplos, situações e explicações que ajudam a modificar o comportamento e a abordagem das meninas com relação à nossa língua. De início, nota-se a presença de cinco personagens em torno de um fato inicialmente comum: uma viagem de férias. No entanto, desdobra-se para uma história muito interessante com inúmeros temas relacionados à Língua Portuguesa e que até então eram vistos simplesmente como erros praticados pelas pessoas menos privilegiadas social, econômica e politicamente.

Nas suas aulas, Irene explica que o que existe na verdade são variações do português. Em

¹ Trabalho realizado sob orientação do Prof. Dr. Heberth Paulo de Souza, na disciplina Leitura e Produção Textual, no curso de Pedagogia do IPTAN.

diferentes regiões do país o português é falado com sotaques e características muito próprias. O português não padrão (PNP) é natural, seguindo as tendências da língua. Também é transmitido por gerações e apreendido naturalmente pelos sujeitos. Por tratar de “enxugar os excessos”, o PNP é funcional, eliminando regras desnecessárias e inovador por se modificar continuamente, além de ter uma tradição oral, sendo mais facilmente apreendido e familiar. Assim, como disse a personagem Irene “A língua voa, a mão se arrasta” ilustrando o quanto o PNP é dinâmico.

Por outro lado, o português-padrão (PP) é muitas vezes redundante, necessita de muitas regras para dar conta de um único fenômeno. É conservador, precisa ser decorado, demora muito para aceitar qualquer tipo de novidade e por essa razão se mantém inalterado por um tempo muito longo, é “um modelo ideal de língua” que é usado por jornalistas, escritores e pessoas cultas, discutindo a importância de ser aprendido na escola.

Tendo em vista todas as diferenças em torno da língua, pode-se considerar diferenças fonéticas, sintáticas, semânticas ou simplesmente no seu uso. Nada muda a não ser os modos diferentes de se falar a mesma língua e seu emprego não prejudica o entendimento.

Nesse contexto, observa-se a dificuldade que os falantes da norma não padrão tem de aprender a norma padrão. E não é difícil saber o porquê disso, primeiramente porque o PNP é transmitido naturalmente, já o PP requer aprendizado, geralmente pessoas que pertencem à classe baixa abandonam a escola cedo para trabalhar ou desistem de estudar por serem discriminadas. Preconceitos como esse fazem com que a criança que chega à escola falando PNP seja considerada uma “deficiente” linguística, quando na verdade ela simplesmente fala uma língua diferente daquela que é ensinada na escola.

Com isso, o próprio professor tem a sensação de estar tentando ensinar alguma coisa a alguém que nunca terá condições de aprender. O resultado de tanto preconceito é que o aluno fica desestimulado a aprender e o professor desestimulado a ensinar. A escola não reconhece a existência de uma multiplicidade de variedades do português e tenta impor a norma-padrão sem se preocupar com o aluno, que pode encarar o PP até mesmo como uma língua estrangeira. Irene questiona e desafia o conhecimento gramatical utilizado amplamente nas escolas, que ainda privilegia um português muito distante daquele com o qual temos contato diariamente.

Irene a todo o momento enfatiza que a língua portuguesa está em contínua transformação, caminhando para as formas que terá daqui a algum tempo. Todavia não dá para negar que o PNP, e muitas outras línguas, como o inglês, tornam as coisas mais simples. Isso ocorre frequentemente com o uso de concordância, plural e conjugação verbal. Irene abusa dos seus exemplos e mostra detalhes bem simples com relação aos fenômenos linguísticos, os principais são: *rotacização* que é a troca do L pelo R nos encontros consonantais, este pode ser explicado através da origem das palavras no latim que recebiam R, mas com o passar do tempo essas palavras sofreram modificações, porém alguns falantes não tiveram ciência disso e assim estão preservando os traços do português arcaico; *eliminação das marcas de plural redundantes*; *yeísmo* que é a troca de LH por I, essas mudanças ocorreram devido ser mais cômodo pronunciar I do que LH; *simplificação das conjunções verbais*, por exemplo, eles gosta, nós gosta, vocês gosta; *assimilação* é a transformação de ND em N e de MB em M, isso se explica porque essas consoantes são dentais e o som de uma está muito próximo da outra; *redução* do ditongo OU em O, exemplo poco (pouco) e ropa (roupa), El em E, exemplo chêro (cheiro) e quêxo (queixo), E e O átonos pretônicos, exemplo bibida (bebida) e furmiga (formiga).

E a aula não termina por aí. Irene ainda tem muito que ensinar, enquanto Vera, Silvia e Emília muito a aprender. Os fenômenos linguísticos não param: *contração* das proparoxítonas em paroxítonas, que não é exclusivo do português não padrão que tem um ritmo paroxítono, já que palavras proparoxítonas em Latim passaram a ser paroxítonas também no português padrão, exemplo *arvre* (árvore); *desnalização* de vogais postônicas que ocorre na norma padrão e não padrão que se caracteriza por eliminar o som nasal das vogais que estão depois da sílaba tônica, o que é uma tendência natural da língua, exemplo *home* (homem); *arcaísmo* que surgiu devido ao português arcaico ter sido ensinado no Brasil, com isso seus traços ainda permanecem em regiões afastadas das principais cidades brasileiras pela falta de contato com as mudanças que surgiram na língua, exemplo *escuitar* (escutar); *função da partícula SE* como verdadeiro sujeito da oração; *analogia* que é a mudança linguística causada pela interferência de uma forma já existente, por exemplo, palavras que mudam de classe gramatical por causa do som de uma vogal, é o caso do pronome oblíquo *mim* como sujeito de infinitivos, com este ocorreu algo interessante, pois esse costume foi transmitido dos menos cultos para os mais cultos.

A cada lição, as meninas estão mais ativas, perspicazes e interessadas. Desta vez, elas estariam realmente vendo a língua portuguesa “como ela é”. Tendo apreendido vários conceitos e com o horizonte expandido graças a essa nova abordagem do idioma, as meninas começam a fazer suas próprias inferências e deduções. Cada vez mais elas são capazes de entender e compreender a língua. É um processo e cada passo apresenta um novo desafio, que, junto com Irene, as meninas vão dando a uma nova óptica e deixando para trás o conceito de “errado”. As propostas de Irene são condizentes com a realidade linguística da maior parte do Brasil e são sempre dotadas de exemplificações bem ilustrativas e comentários pertinentes. Percebe-se que o autor utiliza de forma criativa e atrativa da narração para abordar assuntos que, num primeiro momento, poderiam ser cansativos e desinteressantes, como a maioria dos textos científicos que se tornam densos e complexos para muitos leitores, mas ao contrário disso, a cada exemplo a história vai se tornando mais interessante e a assimilação com a realidade se torna cada vez mais presente.

O falante culto, como qualquer falante, está sujeito a todo tipo de influências externas e internas. Ele sofre pressão do ambiente em que se encontra, do tipo de situação, da hierarquia social em que se acha em relação às demais pessoas com quem está interagindo. O certo de hoje já foi o errado de ontem. Ressalta-se que o livro aborda e explica, através de exemplos, todos esses fenômenos onde se pode perceber que, do ponto de vista linguístico, não existe erro, mas sim o adequado e o inadequado. Assim, é necessário que o ensino do português-padrão seja desenvolvido para que o cidadão perceba a importância de adequar a sua forma de comunicação em diferentes contextos, deixando bem claro que todos podem e devem continuar falando da sua maneira desde que conscientes da existência de uma norma padrão culta. As pessoas devem aprender a valorizar suas próprias culturas e a valorizar as dos outros, pois nosso país é um misto e diversificado local onde se encontram pessoas de níveis sociais e culturais distintos. Todas as formas de falar devem ser respeitadas, para que assim o preconceito e a exclusão social que visa apenas o português padrão correto de falar, seja instinto.

Há muitas línguas no país, tornando a unidade linguística no Brasil um mito. Além das línguas indígenas e das línguas trazidas pelos imigrantes, falam-se diferentes tipos de língua portuguesa, cada uma delas com características próprias, com diferenças em seu *status* social, mas

todas com uma lógica linguística facilmente demonstrável. Traços característicos do PNP vistos como erros se encontram em outras línguas, o que mostra que eles não são uma prova da ignorância ou da deficiência mental do nosso povo, muitos aspectos considerados errados no PNP (e no PP do Brasil) são na verdade arcaísmos, vestígios da língua portuguesa falada muitos séculos atrás. A língua escrita não deve ser usada como camisa-de-força para submeter e aprisionar a língua falada, a escrita é a tentativa de representação da língua falada e nasceu centenas de milhares de anos depois de o homem ter começado a falar.

Sobre o PNP sempre pesou os preconceitos, eles povoam a mente da maioria das pessoas, mesmo as supostamente mais bem informadas. Ele está no mesmo porão escuro da imaginação onde se amontoam mitos e preconceitos de toda ordem racial, o índio preguiçoso, o negro malandro, sexual, a inferiorização da mulher, o desprezo pelo homossexual pervertido e doente; cultural, o conhecimento científico valorizado em detrimento do conhecimento popular, por exemplo, o desprezo por práticas medicinais naturais e tradicionais em favor de medicamentos químicos industrializados, ou a valorização da cultura transmitida por escrito em detrimento da cultura transmitida oralmente; socioeconômica, valorização do rico e do poderoso e desprezo do humilde e do oprimido, ou acreditar que tudo o que vem do primeiro mundo é sempre bom, bonito, infalível e necessário.

A personagem Irene defende que os gramáticos atuais não refletem os fatores históricos, sociais e culturais da língua, eliminando sua complexidade. Ela ainda ressalta que o PP e o PNP nunca entrarão em consenso, sempre havendo distância entre a tendência conservadora do PP e a inovadora do PNP. Irene também propõe que a escola seja um espaço onde se proporcione o máximo de variedades linguísticas para que as pessoas tenham noção de que há um leque de variedades. Não existe um PP e um PNP, mas uma língua única, com a norma-padrão e todas suas variações, sendo que o processo de transformação da língua nunca para, tanto no PP quanto no PNP.

Portanto, depois de várias aulas, as alunas de Irene aprendem de forma muito significativa que o PNP e o PP têm suas diferenças em muitos aspectos, mas que os dois devem ser valorizados e nenhum pode ser considerado errado. Depois de muita aprendizagem chega a hora de irem embora e concluem que as aulas foram muito bem aproveitadas e que não existe o falar “errado”, mas sim o falar “diferente” e que as pessoas que falam de maneira “diferente” devem ser respeitadas e não podem ser excluídas da sociedade por preconceitos.

Conclui-se que o grande atrativo do livro “A Língua de Eulália” é mostrar a linguística como algo “vivo” e sempre presente no dia-a-dia. Dentre inúmeros pontos positivos pode-se ressaltar as lições em si, cada uma traz um aspecto diferente para se discutir, mostrando que não existe o “inferior” ou “errado”. Outro ponto importantíssimo da obra é o quesito “diversão”, onde o autor brincando consegue passar o que realmente importa. Tanto as meninas quanto Irene realmente brincam com a língua. Ao mesmo tempo em que aprendem, elas se divertem. Isso mais uma vez ressalta o quão simples pode ser entender um pouco mais sobre a nossa língua. Aprender, para elas, é mais do que um simples jogo de fala e escuta, é acima de tudo instigar a mente, apresentar questões e arriscar novas e interessantes abordagens dos “problemas” propostos, tudo isso feito de modo muito consciente, informativo, paciente, investigativo e divertido. Portanto, “A Língua de Eulália” serve como um ótimo exemplo de como a aprendizagem da língua portuguesa pode ser entendida através de uma visão simplista, porém realista e em harmonia com a realidade linguística presente no Brasil.